

Raquel Pacheco

**O QUE APRENDI
COM BRUNA
SURFISTINHA**

Lições de uma vida nada fácil

Depoimento a
Jorge Tarquini



Copyright © 2006 Raquel Pacheco

Supervisão editorial
Marcelo Duarte

Assistente editorial
Tatiana Fulas

Diagramação
Caroline Biscaino de Melo

Preparação de texto
Alessandra Miranda de Sá

Revisão
Telma Baeza G. Dias
Cristiane Goulart

Foto da contracapa
Carol do Valle

CIP-Brasil Catalogação na fonte
Sindicato nacional dos editores de livros, RJ.

Pacheco, Raquel

O que aprendi com Bruna Surfistinha – Lições de
uma vida nada fácil. / Raquel Pacheco. –
1.ed. – São Paulo : Panda Books, 2006

1. Pacheco, Raquel. 2. Prostitutas – Brasil – Biografia.
3. Drogas e juventude. I. Título.

06-1755.

CDD920.930674

CDD 929:392.65

2006

Todos os direitos reservados à
Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Sumário

Apresentação	7
Tolerância	11
Rotina	17
Religiosidade	27
Homossexualidade	30
Vergonha	35
Empreendedorismo	41
Respeito e Amor-próprio	48
Marketing	52
Compensações	57
Diversão	65
Fatalidades	69
Preconceito	72
Fama	82
Hipocrisia	92
Clonagem	102
<i>Porn star</i>	107
Aparências	112
Elas vs Elas	120

Coragem	123
Psicologia	127
Liberdade	130
Transparência	136
Amizades	140
Sexo civil	150
Amor	155
Separação	174
De volta para casa	180
A verdade de cada um (por João Paulo Moraes)	193
Histórias que nunca entraram no meu blog	223

É muito fácil... Basta ficar ali, abrir as pernas e o serviço se faz sozinho, não? Eu também achava que seria mais ou menos assim a tal da “vida fácil”. Para minha surpresa, as coisas eram um pouco mais complicadas. Mas cada profissão, reconhecida ou não, tem sua cota de segredos e de lições. Quem nunca teve de cuidar de uma casa, por exemplo, também imagina que a vida das donas-de-casa seja uma maravilha: ficar em casa o dia inteiro, fazer as coisas quando lhe der na telha, sem chefe para torrar a paciência. Ou, então, que o cotidiano do chefe é apenas mandar, enquanto os outros é que carregam o piano. Garanto que o rosário que uma dona-de-casa ou um chefe vão desfiar, se alguém lhes perguntasse se sua vida é fácil, garantiria horas de reais lamentações e justas reivindicações. Comigo, foi a mesma coisa.

De repente, “abrir as pernas” era apenas a ponta do *iceberg* das lições que eu deveria aprender a dominar. Eu tinha de ser, ao mesmo tempo, empreendedora, psicóloga, diretora de marketing, gerente de operações, secretária, gerente de produtos, professora, *office boy*, gerente financeiro e muito mais – além de continuar a ser eu mesma, a Raquel. Passado o susto inicial da avalanche de ter saído de casa aos 17 anos, a menininha mimada que morava bem, tinha pai e mãe para se preocupar com o sustento, a casa, a escola, o dentista, o custo de vida, teve de dar mão à palmatória: ser apenas filha e estudante, por mais que essas “profissões” também tivessem seu quinhão de tormentas particulares, era bem mais light. Mas não lamento, mesmo.

Eu perdi algumas coisas e ganhei outras. Aprendi muito nesses pouco mais de três anos de “vida fácil”. Por mais que tenha tido altos (alguns memoráveis) e baixos (muitos, como as drogas), sei que cresci como ser humano, amadureci e me sinto pronta para novos desafios. Por mais cômodo que pudesse ser continuar levando a vida da Raquel, mesmo com seus obstáculos, que muita gente conheceu ao ler *O doce veneno do escorpião*, foi a vida da Bruna que me ensinou lições importantes para que eu pudesse voltar a ser Raquel – porém, mais escalada, escolada, calejada e sabendo um pouco melhor o que realmente importa na vida. Seja ela fácil ou não.

Muita gente pode me acusar de estar apenas aproveitando meus “15 minutos de fama” ao lançar este livro. Quem sou eu para julgar os que me julgam? Mas achei que seria positivo escrevê-lo. Primeiro, porque muita gente, mesmo sem ter lido *O doce veneno do escorpião*, partiu para o ataque, dizendo que eu estava fazendo apologia da prostituição e das drogas, incentivando, assim, meninas “desmioladas” a seguir o meu exemplo.

Desse modo, resolvi encurtar o caminho, caso alguém pense seriamente em percorrer a trilha que eu já venci, entregando o “resumão”, uma “cola”, o “gabarito” de todas as lições que fizeram da Raquel a Bruna, e vice-versa. Porém, a última coisa que quero – e que faria – é propaganda da vida fácil e do caminho das drogas. E muito menos ficar pregando lições... Só quem esteve lá sabe o que tudo isso significa, por mais idealizado que os outros vejam. Sem lição de moral, entende? A segunda razão está no fato de eu sentir que minhas experiências podem ajudar outras pessoas de alguma maneira, gente que nem precisa ter sido, ser ou querer ser prostituta. Se estou sendo pretensiosa? Talvez. Mas eis algo que, se for o caso, quero que alguém me ensine. Na boa.

Aqui, não vou contar a ninguém os “dez passos” para nada, nem vou dar dicas de o que fazer ou não para ter sucesso. Não é disso que se trata. Esse vai ser apenas um

relato das lições que o mundo e a vida da Bruna me ensinaram até este momento. Nessa curta, mas intensa trajetória, muita gente fez questão de não me enxergar, como se a simples admissão da minha existência ou de outras tantas garotas de programa, prostitutas, ou seja lá qual o nome que você queira dar, fosse o bastante para contagiá-los com algum tipo de doença incurável. Essa foi a primeira lição: a de que todo mundo merece respeito. Eu mesma, quando pequena, via como meus pais se referiam às putas de beira de calçada da Augusta. Estar do outro lado do balcão – ou, no caso, da janela do carro, mesmo que eu nunca tenha me prostituído nas ruas – foi uma descoberta: mulheres da vida não são a escória. Mas muitas vezes a escória se serve das putas.

Nesse caminho estranho, em que se abre mão de tudo, porém, há muita gente que vai além dessa relação comercial e enxerga a pessoa que está ali. É um pouco como conhecer melhor aquele senhor mal-humorado que atende você todos os dias numa quitanda qualquer por aí. Todo mundo vive um papel na vida. O que me coube, naquele momento, era o da garota que abre as pernas em troca de dinheiro. Simples, não?

Raquel Pacheco

Tolerância

Toda semana, acabava aparecendo um daqueles clientes que você paga para não atender. Aquele que tem um papo muito chato; o outro que nem com banho e reza braba cheira bem; o rude, que transa como se fosse com uma boneca inflável, sem se preocupar se está machucando a garota ou não. E, claro, aqueles com o qual o santo não batia de jeito nenhum. Eu tive um desses.

No primeiro programa que fizemos, não me senti à vontade com ele. Um cara estranho, calado, parecia um daqueles malucos de filme de terror. Quietamente, me olhava de um modo que me incomodava. Resultado: acho que fiz um dos piores programas da minha vida (e, acredito,

da dele também). Ele não pediu nada de bizarro, como poderia parecer. Seu corpo também não era repulsivo, apenas comum, tirando a falta de um bronze. Mesmo assim, me desagradava além do normal.

Pedi para que eu o chupasse (o que fiz sem nenhum empenho ou profissionalismo) e que deixasse ele gozar na minha boca (o que não deixei nem com camisinha, inventando um machucado). Se ele não curtisse o programa, pagaria e certamente nunca mais voltaria. Mas, já que ele estava lá... Sugeri que ele gozasse, então, durante a transa. Fiquei de quatro e só faltou eu abrir uma revista, lixar as unhas ou assistir à TV durante a transa. Não sei bem por que fazia isso, mas a simples presença daquele homem me incomodava. E eu deixava isso muito claro para ele, de propósito, ainda que a maneira de ele transar não tivesse nada de especialmente bom ou ruim. Era apenas mais um cliente.

Quando o programa terminou, não me senti culpada por nada, apenas aliviada. A raiva que eu tinha dele, sem motivo, parecia uma coisa de carma, sei lá. Ele voltou a me ligar na semana seguinte, porém não reconheci nem o número do celular dele nem a voz. Quando abri a porta, acho que até revirei os olhos, mostrando minha impaciência. O que parecia im-

provável aconteceu: a segunda transa foi ainda pior do que a primeira. Cheguei a bocejar durante o papis e mami, depois de ficar totalmente alheia enquanto ele me chupava. De pura maldade, de sacanagem mesmo. E ele não disse nada, como de costume. Até me pagou, apesar de tudo.

Anotei o número dele na memória do meu celular e passei a deixar de atender às suas ligações. Passou um tempo até que, certo dia, quem é que aparece de novo na minha porta? O mr. Estranho... Ele ligou de outro número e eu não reconheci a voz dele. Minha vontade era a de mandá-lo embora, perguntar se ele não se tocava de que eu não queria nada com ele, nem que ele pagasse, humilhá-lo, sei lá. Mas, no meio daquela minha quase explosão, pela primeira vez eu pude ver além da minha irritação. E eu vi um homem que me pareceu muito frágil, sozinho; que, ao me procurar novamente, por pior que fosse o serviço que eu havia prestado a ele, estava me colocando acima dele. A seu modo, ele gostava de mim. Deixava isso claro: estava ali, mais uma vez, ao alcance de minha intolerância e do meu orgulho bobo.

Fiquei envergonhada. Justo eu, que já havia perdido qualquer pudor... Senti-me mais humana pelo gesto dele. Ele não via em mim, certamente, apenas a ga-

rota de programa que se propagandeava pela internet (e que já havia, inclusive, descrito no *blog* como tinha sido desagradável a transa com ele, mesmo que não tenha citado nomes, minha regra ética). Ele foi tolerante comigo. Aprendi, portanto, a ser com ele.

A transa não foi das melhores; nem tinha como. Mas foi tranqüila e seria anônima, assim como centenas que tive, não fosse por essa pequena troca que foi além de nossa relação comercial. Acho que ambos aprendemos algo naquela tarde. Nunca mais ele me procurou. Às vezes, fantasio até mesmo que ele não tenha sido real, que foi alguém que só chegou a mim para me ensinar uma pequena lição. Quem sabe?

Porém, nem tudo o que diz respeito à tolerância, no meu caso, tem a ver com coisas estranhas. De qualquer modo, depois disso aprendi a respeitar as manias dos outros. Eu tenho tantas – e detesto que me julguem por elas... Por isso, vale o lema: cada um com suas manias. Isso não quer dizer, em absoluto, que não possa botar reparo...

Um cliente que me chamou a atenção, com quem me controlei para ficar quieta e não dizer nada, é um caso meio estranho – engraçado, não esquisito. Foi uma das poucas vezes em que fiquei sem reação, sem

saber o que fazer na hora de transar. Afinal, era uma profissional. Ele entrou no *flat* e não quis papo. Foi logo ficando peladão, tirando minha roupa e colocando uma camisinha. Parece que ele já entrou com o p... duro.

Partiu para cima de mim num papis e mami e ficou fazendo o movimento, alucinado. Só que tem um detalhe: o p... dele não estava dentro da minha bu..., estava só roçando na minha virilha. Eu fiquei pensando o tempo todo se ele não tinha percebido ou se essa era uma tara dele. Achei melhor não perguntar. E se ele ficasse ofendido? Será que ele vai pensar que está dentro de mim e que sou uma arrombada? Vai saber... E não é que ele gozou assim? Mais estranho ainda: ele ficava perguntando “está gostando?”. “Uma delícia”, eu respondia. No final, veio a pergunta: “Gozou?”. Acho que quem estava de gozação era ele... Mas entrei na brincadeira e disse que sim. Se já é difícil mulher gozar com o p... dentro dela, imagine fora.

Fugindo um pouco da sacanagem... Ter de me submeter a algumas coisas me fez entender melhor todas as pessoas que critiquei a vida toda. Sei que tenho minha opinião, minhas convicções, mas não posso esperar que todo mundo veja o mundo sob minha ótica.

Pode parecer bobo, dizendo assim, mas agora sei que essa tomada de consciência é um rito de passagem indispensável para quem queria crescer, como eu.